

Ricardo Daehn

Prejuízos em trilhões de dólares, briga de egos à beira da falência, machismo, encenação gritante e divergências (junto com manipulações) “de narrativas”: tudo isso cabe na ode ao cinema de Stanley Kubrick e John Cassavetes comandada pelo escolado cineasta Alejandro G. Iñárritu, nome à frente de *Digger*, filme em que o talentoso Tom Cruise nada de braçada. Imputar culpa e responsabilidades, num debochado jogo de empurra está no centro do enredo em que um magnata do petróleo (*Digger*, feito por Cruise) acompanha os estragos na plataforma que gerenciava no Alasca e que, passada uma explosão, desperta um desespero coletivo na humanidade.

Cortar milhares de empregos está na mira de *Digger*, que empunha uma pá secular (de família) tal

Com o mundo já desestruturado pelo caos na atmosfera, sob pressão extrema, o protagonista de Tom Cruise abriga poço de mordacidade, no afiado filme de Alejandro G. Iñárritu

qual objeto fálico do qual não abrirá mão. À frente da Rockwell United, num mundo acinzentado (com *Digger* vestindo grená), ele fará um eufórico discurso apocalíptico em que faz o Michael Douglas (de Wall

Crítica // Digger ★★★★★

Natureza em combustão

Street) parecer um bebê. Contabilizando “o preço de se fazer negócios”, *Digger* acusa o apego às facilidades da vida mundana de qualquer cidadão médio como responsável pela crise climática — com geleiras à deriva.

Sob infernais acordes de Cosmo Sheldrake, e a grandeza das imagens de Emmanuel Lubezki (que o acompanhou nos rigorosos *Bardo*, falsa crônica de algumas verdades; *O regresso*, *Birdman* e *21 gramas*), o diretor constrói — dado os absurdos que retrata — uma ponte com a ficção (em que, na verdade, tudo é abraçado pela encenação, e que *Digger* estaria tão somente sendo representado). Nisso,

Iñárritu traz o artifício do engenhoso *Sinédotoque*, Nova York (filme cheio de metalinguagem de Charlie Kaufman, de 2008) e faz ecoar ainda *Magnólia* (filme de 1999, com o mesmo Cruise).

A grandiosidade de Cruise traz para a tela uma espécie de Atticus (Gregory Peck, em *O sol é para todos*) só que do mal. Riz Ahmed e John Goodman, coadjuvantes, estão fabulosos nos papéis de um contestado cientista, Ganesh, e do presidente Compson, acometido por câncer retal. De enorme impacto, o filme traz cenários impecáveis com desenho de produção assinado pela dupla Richard L. Johnson e

Dennis Gassner (habituais parceiros de Sam Mendes) e figurinos de Jaqueline West (colaboradora de David Fincher e Denis Villeneuve). Com frenéticas “emissões de carbono” e metano emporcalhando a atmosfera, o colapso ainda vem representado por efeitos em rios e oceanos.

Cercado de uma proeminente decadência, e uma sátira corrosiva, *Digger* desconhece limites, numa realidade delirante apinhada de “lixo nuclear” e atitudes nada sustentáveis. No niilismo mais completo, o protagonista chega a se valer do uso ilusionista da fé, e ajoelhar-se, diante de subordinados, isso num filme em que a escrita da Bíblia, por hebreus, e não americanos (sic), vem à tona como elemento depreciativo. Pior é a amargura do humor quando da “piada” da ausência de mulheres nas mesas mais importantes de negociações.



Tom Cruise é a antítese do estoicismo, em *Digger*